

Megan Maxwell

**Pede-me o que quiseres,
agora e sempre**

Tradução
Cristina Silva

 Planeta

Para as guerreiras Maxwell, por serem o meu maior apoio, e para Jud e Eric por serem umas personagens magníficas.

Mil beijos,

Megan

Capítulo 1

Depois de sair do escritório chego a casa como se me tivessem enfiado um foguete no rabo. Olho para as caixas embaladas e parte-se-me o coração. Foi tudo por água abaixo. A minha viagem à Alemanha está anulada e a minha vida, de momento, também. Enfio umas quantas coisas numa mochila e desapareço antes que Eric me encontre. O meu telemóvel toca, e toca, e toca. É ele, mas recuso-me a atendê-lo. Não quero falar com Eric.

Disposta a desaparecer de casa, vou a um café e telefono à minha irmã. Preciso de falar com ela. Faço-a prometer que não dirá a ninguém onde estou e combino encontrar-me com ela.

A minha irmã acode ao meu chamamento e, depois de me abraçar como sabe que preciso, escuta-me. Conto-lhe parte da história, apenas uma parte, pois sei que a deixaria sem palavras. Omito o tema do sexo e tal, mas Raquel é Raquel, e quando as coisas não lhe encaixam começa com o «Estás louca!», «Falta-te um parafuso!», «Eric é um bom partido!» ou «Como podes fazer isso?». Por fim despeço-me dela e, apesar da sua insistência, não lhe revelo para onde vou. Conheço-a e ela dirá a Eric assim que ele lhe telefonar.

Quando consigo livrar-me da minha irmã, telefono ao meu pai. Depois de ter uma breve conversa com ele e de o fazer entender que daí a uns dias irei a Jerez e lhe explicarei tudo o que se passa comigo, meto-me no carro e vou até Valência. Ali hospedo-me numa pensão e durante três dias passeio pela praia, durmo e choro. Não tenho nada melhor que fazer. Não atendo o telefone a Eric. Não... não quero.

Ao quarto dia entro no carro e, um tanto mais descontraída, vou para Jerez, onde o meu pai me recebe de braços abertos e me dá todo o seu amor e carinho. Conto-lhe que a minha relação com Eric acabou e para sempre, e ele não quer acreditar em mim. Eric telefonou-lhe várias vezes preocupado e, segundo o meu pai, aquele pobre homem ama-me demasiado para me deixar escapar. Coitadinho. O meu pai é um romântico empedernido.

No dia seguinte, quando me levanto, Eric já está em casa do meu pai. Este telefonou-lhe.

Quando me vê, tenta falar comigo, mas recuso-me. Fico uma autêntica fúria: grito, grito e grito, e atiro-lhe à cara tudo o que tenho dentro de mim antes de lhe dar com a porta na cara e de me fechar no meu quarto. Por fim ouço o meu pai a pedir-lhe para ir embora e, de momento, deixa-me respirar. Sabe que agora sou incapaz de ser razoável e que, em vez de resolver as coisas, o que vou fazer é complicá-las mais.

Eric aproxima-se da porta do quarto onde me tranquei e, com a voz carregada de tensão e ira, diz-me que se vai embora. Mas vai para a Alemanha. Tem de resolver certos assuntos por lá. Insiste uma vez mais para que eu saia, mas ao ver a minha recusa vai-se dali.

Passam dois dias e a minha angústia é persistente.

Esquecer Eric é-me impossível, e mais ainda quando ele me telefona constantemente. Não atendo. Mas, como sou uma masoquista pura e dura, ouço as nossas canções vezes sem conta para me martirizar e deleitar com a minha pena, peninha... pena. O positivo de tudo isto é que sei que está muito longe e, além disso, tenho a minha moto para espairecer, enlameando-me e saltando pelos campos de Jerez.

Passados alguns dias Miguel, o meu ex-colega na Müller, telefona-me e deixa-me de queixo caído. Eric despediu a minha ex-chefe. Incrédula, ouço Miguel contar-me que Eric teve uma tremenda discussão com ela quando a apanhou na cafetaria a fazer troça de mim. Resultado: para o desemprego. Toma lá! Cadela.

Lamento, não deveria ficar contente por isso, mas a malvada que existe dentro de mim regozija-se por aquela víbora ruim ter por fim recebido o que merecia. Como diz o meu pai muito sabiamente, «o tempo põe cada um no seu lugar», e a essa o tempo pô-la onde merece, na maldita rua.

Nessa tarde aparece a minha irmã com Jesús e Luz e surpreendem-nos com a notícia de que vão ser pais outra vez. Gravidez à vista! O meu pai e eu entreolhamo-nos com cumplicidade e sorrimos. A minha irmã está feliz, o meu cunhado também e a minha sobrinha Luz está encantada. Vai ter um irmãozinho!

No dia seguinte, Fernando apresenta-se em casa. Ao vermo-nos, damos um longo e significativo abraço. Pela primeira vez desde que nos conhecemos não comunicámos um com o outro durante meses, e isso dá-nos a entender que o que havia entre nós, que nunca existiu, por fim acabou.

Não me pergunta por Eric.

Não faz a menor menção a ele, mas pressinto que imagina que o que havia entre eu e ele ou acabou ou passa-se alguma coisa. À tarde, enquanto a minha irmã, eu e Fernando lanchamos no bar da Pachuca, pergunto-lhe:

– Fernando, se te pedisse um favor, tu fazia-lo?

– Depende do favor.

Ambos sorrimos e explico-lhe, disposta a conseguir o meu propósito:

– Preciso do endereço de duas mulheres.

– Que mulheres?

Bebo um gole da minha *Coca-Cola* e respondo:

– Uma chama-se Marisa de la Rosa e vive em Huelva. É casada com um tipo chamado Mario Rodríguez, que é cirurgião plástico; sei pouco mais que isso. E a outra chama-se Rebeca e foi namorada de Eric Zimmerman durante um par de anos.

– Judith – protesta a minha irmã –, nem pensar!

– Cala-te, Raquel.

Mas a minha irmã começa com a sua peroração e já não há quem a cale. Depois de discutir com ela, volto a olhar para Fernando, que não abriu a boca.

– Podes conseguir-me o que te pedi ou não?

– Para que queres isso? – replica.

Não estou disposta a contar-lhe o que aconteceu.

– Fernando, não é para nada de mal – assinalo –, mas se pudesses ajudar-me, ficar-te-ia grata.

Durante uns segundos olha para mim com solenidade enquanto Raquel, ao meu lado, continua a refilar. Por fim assente, levanta-se,

afasta-se e vejo-o a falar ao telemóvel. Isso deixa-me inquieta. Dez minutos depois, aproxima-se de mim com um papel e diz:

– Sobre Rebeca só te posso dizer que está na Alemanha, mas não tem residência fixa, e o outro endereço tem-lo aqui. A propósito, as tuas amigas movimentam-se num ambiente de altos voos e partilham os mesmos jogos que Eric Zimmerman.

– De que jogos estão a falar? – pergunta Raquel.

Fernando e eu entreolhamo-nos. Se ele disser mais alguma palavra enfio-lhe os dentes pelas goelas abaixo!

Entendemo-nos bem e digo-lhe que nem lhe passe pela cabeça responder à minha irmã, senão terá de se haver comigo, e ele faz caso do que lhe digo. É um excelente amigo. Por fim, Fernando resigna-se e reitera:

– Nada de disparates com elas, combinado, Judith?

A minha irmã nega com a cabeça enquanto expira. Eu, emocionada, pego no papel e dou-lhe um beijo na cara.

– Obrigada. Muito, muito obrigada.

Nessa noite, quando estou sozinha no meu quarto, sinto-me furiosa. Saber que no dia seguinte, com um pouco de sorte, vou dar de caras com Marisa deixa-me taquicardíaca. Essa bruxa deles vai saber quem eu sou.

De manhã acordo às sete. Está a chover.

A minha irmã já está levantada e, assim que vê que me preparo para sair de viagem, cola-se a mim como uma lapa e começa com o seu incessante chorrilho de perguntas.

Tento evitá-la.

Vou a Huelva fazer uma visitinha a Marisa de la Rosa. Mas Raquel é Raquel! E por fim, ao ver que não consigo livrar-me dela, acedo em que me acompanhe. Embora me arrependa durante o trajecto e sinta uns desejos assassinos de a atirar para a valeta. É tão cansativa e repetitiva que faz qualquer um perder a cabeça.

Ela não sabe o que aconteceu realmente entre mim e Eric, e não pára de desvairar com as suas suposições. Se soubesse a verdade ficaria de queixo caído. Uma mentalidade como a da minha irmã não entenderia os meus jogos com Eric. Pensaria que somos uns depravados, entre muitas outras coisas ainda piores.

No dia em que tudo aconteceu, quando me encontrei com ela, deturpei-lhe a realidade. Conteí-lhe que aquelas mulheres tinham metido veneno na nossa relação e que, por causa disso, eu e Eric tínhamos discutido e acabado tudo. Não pude dizer-lhe outra coisa.

Quando entro em Huelva, estranhamente, não estou nervosa.

Para nervos bastam os da minha irmãzinha.

Ao chegar à rua que está escrita no papel estaciono o carro. Observo a urbanização e vejo que Marisa vive muito, muito bem. A urbanização é de luxo.

– Ainda não sei o que estamos aqui a fazer, fofa – protesta a minha irmã, saindo do carro.

– Fica aqui, Raquel.

Porém, ignorando a minha exigência, fecha a porta com decisão e replica:

– Nem penses, minha linda. Eu vou aonde tu fores.

Expiro e grunho.

– Mas vamos lá ver, será que preciso de um guarda-costas?

Põe-se ao meu lado.

– Sim. Não confio em ti. Falas muito mal e às vezes és muito bruta.

– Porra!

– Vês? Já disseste «porra!» – repete ela.

Sem responder, começo a andar na direcção do bonito portão indicado no papel. Toco à campainha e, quando uma voz de mulher responde, digo sem demoras:

– Carteiro.

A porta abre-se e a minha irmã, perplexa, olha para mim.

– Aiii, Judith!, acho que vais fazer uma asneira. Calma, por favor, querida; calma, que eu conheço-te, entendido?

Rio-me. Olho para ela e murmuro enquanto esperamos pelo elevador:

– Asneira fez ela quando me subestimou.

– Aiiii, fofa...!

– Vamos lá ver – sibilo, mal-humorada –, a partir deste momento quero-te caladinha. Este é um assunto entre essa mulher e eu, entendido?

O elevador chega. Entramos e carrego no botão para o quinto andar. Quando o elevador pára, procuro a porta D e toco. Instantes depois, a porta é aberta por uma desconhecida vestida com farda de empregada.

– Que deseja? – pergunta a jovem.

– Olá, bom dia! – respondo com o melhor dos meus sorrisos. – Gostaria de ver a senhora Marisa de la Rosa. Ela está?

– Da parte de...?

– Diga-lhe que sou Vanesa Arjona, de Cádiz.

A jovem desaparece.

– Vanesa Arjona? – pergunta a minha irmã entredentes. – Que é isso de Vanesa?

Rapidamente, com um gesto seco, mando-a calar.

Dois segundos depois, Marisa aparece diante de nós, giríssima num conjunto branco-sujo. Ao ver-me, a cara dela diz tudo. Assusta-se! E antes que possa fazer ou dizer alguma coisa, agarro a porta com força enquanto lhe digo:

– Olá, sua grandessíssima cabra!

– Fofinha! – protesta a minha irmã.

Marisa treme por todos os lados. Olho para a minha irmã para ela se calar.

– Só quero que saibas que sei onde vives – sibilo. – Que achas?

– Marisa está branca, mas continuo: – O teu jogo sujo fez-me irritar e, acredita em mim, se eu me dispuser a isso, consigo ser ainda pior e mais ruim do que tu ou as tuas amigas.

– Eu... eu não sabia que...

– Cala a boca, Marisa! – grunho entredentes. Ela cala-se, e eu prosigo: – Estou-me nas tintas para o que dizes. És uma bruxa reles porque me usaste para um fim nada bom. E em relação à tua amiguinha Betta, como tenho a certeza de que continuam em contacto, diz-lhe que no dia em que ela se cruzar comigo vai saber quem eu sou.

Marisa treme. Olha para o interior da casa e sei que tem medo do que eu possa dizer.

– Por favor – suplica –, os meus sogros estão cá e...

– Os teus sogros? – interrompo-a, aplaudindo. – Fantástico! Apresenta-mos. Adoraria conhecê-los e contar-lhes umas coisinhas acerca da sua angelical nora.

Descontrolada, Marisa nega com a cabeça. Tem medo. Sinto pena dela. Ainda que seja uma bruxa, eu não sou. Por fim decido dar por terminada a minha visita.

– Se voltares a subestimar-me, a tua bonita e descontraída vida com os teus sogros e o teu famoso maridinho vai-se acabar – concluo –, porque eu mesma me vou encarregar de que assim seja, entendido?

Pálida como cera, assente. Não esperava ver-me aqui e muito menos com esta disposição. Quando já lhe disse tudo o que tinha para lhe dizer e vou dar a volta para me ir embora, ouço a minha irmã perguntar:

– Era desta porcalhona que andavas à procura?

Faço um gesto afirmativo e, surpreendendo-me como Raquel sempre faz, escuto-a dizer:

– Se voltares a aproximar-te da minha irmã ou do namorado dela, juro-te pela glória bendita da minha mãe que está no céu que quem regressa aqui sou eu, com a faca do presunto do meu pai, e arranco-te os olhos, sua cadela!

Depois do chorrilho de palavras da minha querida Raquel, Marisa fecha-nos a porta na cara. Ainda boquiaberta, olho para a minha irmã e murmuro em tom alegre enquanto nos dirigimos para o elevador:

– Ainda bem que na nossa família eu é que sou a bruta e que fala mal.

– E, ao vê-la rir, acrescento: – Não te tinha dito que te queria caladinha?

– Olha, fofinha, quando se metem com a minha família ou lhe fazem mal, saco da cabra reles que há em mim e, como diz Esteban, MA-TO.

Entre risos, voltamos para o carro e regressamos a Jerez.

Quando chegamos, o meu pai e o meu cunhado perguntam-nos pela nossa viagem. Entreolhamo-nos as duas e rimos. Não dizemos nada. Esta viagem foi uma coisa entre mim e Raquel.